



**XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL
PROCESSO CIVILIZADOR**

10, 11, 12 e 13 de novembro de 2009

RECIFE/BRASIL

Civilização e Contemporaneidade

BATMAN E O USO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS: UMA ANÁLISE À LUZ DOS PROCESSOS CIVILIZADORES

Fábio da Silva Paiva
UFPE
fabiosilvapaiva@hotmail.com

Resumo: As relações sociais, que resultam o poder, vão construir os controles do processo de civilização incluindo a violência. O conceito de super-herói demonstra um herói, dedicado a uma causa, que possui habilidades superiores às demais pessoas. Ao invés de usar essas habilidades para seu próprio bem as emprega para o bem coletivo. Mesmo apresentando valores humanos, por diferentes motivações os super-heróis decidem que devem intervir na execução da justiça. Utilizam-se para isso de suas habilidades especiais, e não são raros os casos em que essas habilidades estão ligadas a força e a violência, elementos de dominação e exercício de poder.

Palavras-chave: Poder; Violência; Histórias em Quadrinhos.

Introdução

Este artigo foi criado a partir da pesquisa para a realização de tese para obtenção do título de mestrado e consiste no relacionamento da teoria de Norbert Elias e suas derivações com o objeto de estudo em desenvolvimento.

Embora os estudos de Elias referentes aos processos civilizadores tenham sido focados na sociedade de cortes dos séculos XVII e XVIII, suas contribuições para o entendimento dos fenômenos sociais são grandiosas. Citando o próprio Elias (1996, p.99): “o estado do antigo, em conjunto com o novo, ajuda-nos a observar o desenvolvimento social como um todo”.

Nesse artigo avançamos na análise da violência contida nas HQs de Batman. Além disso, avançaremos também na discussão da forma e do motivo do uso dessa violência nesse caso específico.

Para a análise dessa violência aplicada no exercício de poder de Batman, utilizaremos a referência de vários autores de diferentes áreas do conhecimento, sendo que o referencial teórico principal é a obra do sociólogo Norbert Elias, onde será pautada a argumentação deste trabalho.

Primeiramente faremos uma análise dos conceitos de poder e violência dentro da teoria Elisiana, sendo essa a primeira divisão do artigo. Logo em seguida apresentaremos o universo dos super-heróis, especialmente dentro do contexto trabalhado, focando posteriormente no super-herói escolhido para a análise: Batman.

Finalmente faremos uma amarração das duas primeiras partes, concluindo assim as discussões do artigo.

O poder e a violência

Elias define que o poder é resultado da interação social em todos os campos. Essas relações sociais e a dinâmica do poder vão permear grande parte do conhecimento construído pelo autor.

“Assim, o poder na teoria de Elias não se resume ao que ocorre entre senhores e servos, dominadores e dominados, mas pode ocorrer entre indivíduos de uma mesma família, entre membros de bairros vizinhos; e pode se mostrar também nas mais variadas situações, como a maneira que os indivíduos se portam à mesa, a maneira de se vestir, e a aceitação (ou não) em atividades cotidianas de lazer. (MEDEIROS, 2007 p.170)

As relações sociais, que resultam o poder, vão construir os controles do processo de civilização incluindo a violência. Dentro dos “processos civilizadores”, quando a violência deixa de ser a forma mais usual de “diálogo” e passa a ser controlada pelo monopólio estatal, constitui-se a detenção de poder pelo estado e de controle aos demais mecanismos sociais.

ZIMMERMANN (2008, p.06), analisando Elias diz que “a violência foi confinada aos quartéis e aos membros das forças armadas, a polícia e, em casos mais específicos, permitida entre competidores esportivos”. Logo vemos que a violência passa a ser vista como algo não civilizado, com exceção de quando é praticada pelo estado, que inclusive deve aplicá-la para manter a “ordem social” ou em casos específicos como nos esportes.

SIMÕES (2001, p.27) amplia a discussão quando apresenta que “a violência faz parte do conjunto das relações humanas, portanto, também é dinâmica, assumindo múltiplas faces e diversas conexões com outros fenômenos sociais”.

NEIBURG (1999) diz sobre a violência nos processos civilizadores:

“(…) os valores da paz se impõem pela força; as guerras são meios para definir e redefinir as fronteiras sociais; a consagração de certos aspectos em detrimento de outros como verdadeiros traços de ‘caráter’ de uma nação (uma forma lingüística ou religiosa por exemplo) se realiza não só por intermédio de formas ‘doces’.” (PP.48-49)

Logo, levando-se em conta as discussões apresentadas, entende-se então que a violência realmente faz parte das relações sociais e definem situações e desequilíbrios ou manutenção nos detentores de poder (até de forma extrema como nas guerras).

As Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis

As Histórias em Quadrinhos (HQs) de super-heróis são um meio de comunicação de massas (como todas HQs), de intenções artísticas, literárias e até educacionais, mas, sobretudo, essencialmente comerciais.

QUESADA (2009), atual editor-chefe da editora americana Marvel Comics, comentou recentemente na sua coluna em um site de divulgação de quadrinhos:

“Qualquer lugar em que possamos colocar uma bandeira dizendo 'Ei, todo mundo! Venham aqui! Esse é o gibi que vocês querem comprar!', nós vamos fazer assim. É claro que vamos fazer assim. Não vejo problema nenhum, e entendo como parte do negócio dos quadrinhos e de tentar vender mais revistas, para conseguir novos leitores, velhos leitores, leitores relapsos - o que for - para chegar ao nosso produto”.

Esse caráter comercial pode ser inclusive um facilitador para que as HQs de super-heróis tenham uma abertura mais significativa para mudanças e reprodução de comportamentos.

DUTRA (2001) comenta:

“As Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e

isentas de influências. Na verdade, as ideologias e o momento político moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado dos gibis”

O estilo super-heróis surge no final da década de 1930, quando o mundo saía lentamente de uma crise econômica grave. Por essa razão há uma falta de pretensão por parte dos criadores dos primeiros personagens. Fazendo comunicação barata e agradável conseguiram reverter para si lucros financeiros e isso já era suficientemente bom, o que não impediu que ao longo dos anos houvesse influências das mudanças sociais na arte das HQs. Essas histórias são romances, ficções científicas, com personagens fantásticos e impossíveis.

Segundo CAMPBELL (1990) o herói é aquele que deu a vida por algo maior que ele próprio. O herói se sacrifica por algo maior.

O conceito de super-herói, criado nas HQs, demonstra um herói, dedicado a uma causa, mas que possui habilidades superiores às demais pessoas (sejam poderes sobre-humanos, determinação, motivação, ou qualquer outra característica, mesmo as mais comuns). Ao invés de usar essas habilidades para seu próprio bem (ou para o “mal”)¹, o super-herói as emprega para o bem coletivo, para a causa que julga justa e necessária.

Dentro desse contexto, as HQs de super-heróis de hoje expressam as mesmas preocupações que tinham antigamente, mas de alguma forma, após absorverem as influências dos processos de mudanças sociais e comportamentais, apresentam preocupação com valores além dos financeiros. Os super-heróis, com suas diversas características, são facilmente reconhecidos, pois guardam em sua concepção a batalha do “bem” contra o “mal”. Esses personagens se posicionam do lado do “bem” e esforçam-se pra defendê-lo ou estabelecê-lo.

LOEB e MORRIS (2005, página 28) escrevem:

“Desde nossa infância até a idade adulta, os super-heróis podem nos lembrar da importância da autodisciplina, do auto-sacrifício e de nos devotarmos a algo bom, nobre e importante. Eles podem ampliar nossos horizontes mentais e apoiar nossa determinação moral, enquanto nos entretêm. Não precisamos dizer que os quadrinhos de super-heróis têm a intenção de ser instrutivos ou de natureza moralista. (...) Os super-heróis mostram-nos que os perigos podem ser enfrentados e vencidos. Eles exibem o poder do caráter e da coragem acima da adversidade. E assim, até quando lidam com nossos medos, os super-heróis podem ser inspiradores.”

Segundo KULSAR (2001) a característica mais marcante do super-herói é a “vontade de fazer *justiça com as próprias mãos*, evitando ao máximo vitimar inocentes ou causar a morte de qualquer ser humano” (grifo do autor).

Eis aí a questão central do problema. Apesar de apresentarem valores humanos e “boas intenções”, por diferentes motivações os super-heróis decidem que devem intervir na execução da justiça e assim o fazem. Utilizam-se para isso de suas habilidades especiais, e não são raros os casos em que essas habilidades estão ligadas a força e a violência, elementos de dominação e exercício de poder.

Batman e a violência nas histórias em quadrinhos

¹ Está aí a diferença entre os super-heróis e os vilões (ou mesmo super-vilões): ao descobrirem suas habilidades os vilões as empregam para benefício próprio sem se preocupar com o próximo, geralmente causando o mal coletivo e não se importando com vítimas, desde que essas não sejam eles mesmos.

As histórias em quadrinhos de Batman são repletas de violência. Não é esse o único elemento presente e também não poderíamos afirmar que é o maior, mas não há como negar a existência da violência nas relações que o personagem estabelece em sua atuação como super-herói.

Diferente de outros grandes super-heróis, Batman é um ser humano “normal”, que por conta de ter presenciado o assassinato de seus pais, em uma situação de assalto, faz um juramento, devotando sua vida para que essa cena não se repetisse mais.

De acordo com CUNHA (2006, P.33)

“Batman é um homem comum, sem poderes, sem capacidades especiais sobre-humanas. Uma pessoa como qualquer um de nós que decidiu, por escolha própria, se tornar um herói, um combatente do crime.”

Para tanto, o jovem Bruce Wayne exige seu corpo e sua mente em um treinamento exaustivo que percorre toda sua infância até a idade adulta para finalmente tornar-se o homem morcego. Sua determinação, suas habilidades criadas e treinadas, sua disposição em entregar a vida por essa “causa”, fazem dele um super-herói, mesmo desprovido de superpoderes. Ele é um homem comum que decide combater o crime com o que possui (CUNHA, 2006).

Para RIBAS (2004, p.24):

“Os meios de comunicação se sofisticaram, a esfera urbana se expandiu ainda mais e a economia tratou de colocar mais consumidores de fé capitalista abaixo do Equador e no lado oriental do mapa-múndi. Batman acompanhou a consolidação desse novo cenário e sua mitologia se forjou além do simples modo de vida norte-americano e do esforço para vender brinquedos, roupas e outros produtos sob sua marca. O motivo disso é que a sedução do mito do Homem-Morcego está enraizada nas contradições de sua condição humana. Mortal e falível, ele recebeu dos artistas envolvidos na sua reprodução industrial o heroísmo e a capacidade de dar reviravoltas nas tramas que protagoniza, sem perder de vista a condição humana, condenada à imperfeição.”

Batman é um super-herói que mantém o fascínio e a mitologia dos maiores heróis, pois mantém a “sedução” causada por seu heroísmo, ao mesmo tempo em que está próximo das mazelas humanas, inclusive superando-as nas “reviravoltas”, mas nunca fugindo da sua condição.

Além desse diferencial há também outra especificidade de Batman quando tratamos de sua motivação e mesmo de seus métodos anti-crimes: sua cidade, o lugar chamado de Gotham City. A cidade do personagem é retratada de maneira detalhada na maioria das obras. Gotham é um lugar frio, escuro e violento por excelência. Chamada de cidade sombria, morada da escuridão e até mesmo de inferno urbano. Foi nessa cidade violenta que Batman surgiu, essa violência provocou a morte de seus pais e motivou seu combate ao crime. Batman desde então se vê rodeado de violência, mergulhado nela. O Estado, detentor do monopólio da violência não consegue resolver o problema da violência mesmo utilizando-se dela através do Departamento de Polícia de Gotham City, isso fica evidente na própria criação de Batman, quando sua família é desfeita em função de um ataque criminoso. É nesse contexto, Batman vai utilizar suas habilidades para combater esse cenário de violência e escuridão. Usa da força física, de equipamentos e tecnologias e da figura assustadora do morcego para parar e prender criminosos.

Conclusões e considerações finais

Batman é o protetor da cidade de Gotham, um lugar dominado pela violência de criminosos. Nessa cidade o super-herói tenta estabelecer o que acredita ser o melhor para sua população. Ele prioriza a proteção dos mais indefesos (mulheres, crianças, bebês) Para tanto se utiliza de violência e de uma figura assustadora (CUNHA, 2006).

Sobre esses dois fatores essenciais na figura do personagem, CUNHA (2006) comenta:

“Batman não se importa em ferir aqueles que ele acredita serem realmente merecedores desse tipo de punição física(...). A violência usada por Batman, portanto, não seria, dentro de sua perspectiva, gratuita. Ele é violento com quem merece esse tipo de tratamento.

(...) a função de aterrorizar os bandidos não serve apenas para criar vantagem ao Batman em relação a eles em sua missão de combatente, mas para amedrontá-los a ponto de se tornar um fator capaz de impedi-los de retornar à vida criminosa.” (P. 195)

Além disso, CUNHA (2006) aponta um posicionamento de “auxiliador” de Batman em relação aos criminosos, quando enxerga neles a possibilidade de recuperação ou até um lado humano dos criminosos. Mesmo em sua maior motivação, sua motivação inicial, ele percebe os processos que levaram a prática da violência por parte do criminoso que assassinou seus pais. Batman vai referir-se a esse malfeitor como alguém desesperado e unicamente em busca de dinheiro, e apesar de sua vontade de puni-lo, consegue entender suas limitações humanas, colocando-se lugar do bandido.

Nesse momento percebemos o vínculo dessas práticas com o conceito de autocontrole 4 de Norbert Elias. Apesar de Elias apresentar a idéia de autocontrole como um comportamento que se desvincula da violência (SIMÕES, 2001, p.37), entendemos aqui a ligação com o conceito uma vez que Batman tem a noção exata da violência, de seu uso e de suas conseqüências, e a utiliza como ferramenta em busca de uma situação entendida como ideal, em busca de uma situação mais “civilizada” para sua cidade, onde a violência já não seja mais necessária.

Sobre essa perspectiva NEIBURG (1999) vai dizer:

“Como acontece em todos os valores sociais, também o uso da força física estão situados no tempo e no espaço social: são relativos a posições e pontos de vista de forma que o que é legítimo ou justo em um momento, ou para uns, pode não ser para outros. Mais ainda: é fácil comprovar a freqüência com que a promessa de um futuro de paz legitima o uso da força (...). O processo civilizatório se impõe pela força (...).” (PP.52-53)

Considerando, portanto o ambiente e as motivações que levam Batman a ter o comportamento violento que apresenta e a forma em que esses comportamentos interferem nos processos sociais da cidade de Gotham City, podemos compreender a figura do homem morcego como um elemento no processo civilizador da sociedade em que está inserido. Sua presença violenta e assustadora tem a perspectiva de um dia deixar de existir, ser desnecessária em um momento de estabelecimento de “civilização” independente de violência.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CUNHA, A. C. **A Luta pela Justiça: uma análise fenomenológica das histórias em quadrinhos do Batman** – FAFICH/UFMG - Belo Horizonte: 2006

DUTRA, J. P. **História e História em Quadrinhos**. *Omelete*, São Paulo, set. 2001.

Disponível em

<http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base_para_artigos.asp?artigo=507>.

Acesso em 20 out. 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

ELIAS, Norbert e SCOTSON J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

KULSAR, A. M. **As Noções de Justiça dos Super-Heróis**. *Agaquê*. São Paulo, v. 3. n. 2, ago. 2001.

Disponível em

http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/ano3/numero3/agaquev3n2_edit.htm

Acesso em jun. 2003.

LOEB, Jeph; MORRIS, Tom. **Heróis e Super-Heróis**. In IRWIN, William (org.) *Super-Heróis e a Filosofia-verdade, justiça e o caminho Socrático*. São Paulo: Madras, 2005.

MEDEIROS, P. L. G. **Aspectos do poder e do cotidiano em Norbert Elias**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC - Vol. 3 n. 2 (2), janeiro-julho/2007, p. 168-181

NEIBURG, Frederico. **O Naciocentrismo das Ciências Sociais e as Formas de Conceituar a Violência Política e os Processos de Politização da Vida Social**, In WAIZBORT, Leopold (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999.

QUESADA, Joe. **Marvel vai lançar edição número 900 antes da DC (reportagem)**. *Omelete*, São Paulo, julho 2009.

Disponível em

http://www.omelete.com.br/quad/100020358/Marvel_Comics.aspx

Acesso em 20 de Junho de 2009.

RIBAS, Sílvio. **Dicionário do Morcego**. São Paulo: Flama Editora, 2005.

SIMÕES, J. L. **Violência e imprensa: abordagem sociológica de um caso de trote mortal**. São Paulo: Fiúza Editores, 2001.

ZIMMERMANN, T. R. **APONTAMENTOS SOBRE CIVILIZAÇÃO E VIOLÊNCIA EM NORBERT ELIAS**. Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez 2008.